

apoio às actividades escolares. Paralelamente, mas não se confundido com estas, desenvolvem-se acções de formação profissional com o apoio de entidades exteriores, estatais ou autárquicas na forma de cursos ministrados por formadores credenciados.

A valorização de antigos saberes é feita em cursos e workshops, festivais etnográficos e exposições onde as actividades profissionais em desuso ou já desaparecidas são dadas a conhecer à comunidade.

Entre a reabilitação das actividades tradicionais temos a profissão de canteiro, as bordadeiras de Castelo Branco e a tecelagem em tear manual.

A educação ambiental é conseguida pelo desenvolvimento de conferências, exibição de filmes, actividades de divulgação e campanhas de sensibilização.

Entre os eventos culturais e artísticos diversos destacam-se concertos musicais, divulgação de filmes, lançamento de livros, teatro.

Finalmente as acções de análise e reflexão sobre o património originando produção do conhecimento estão expressas nos inúmeros livros publicados e sites presentes na Internet e na organização de seminários e conferências com a participação de especialistas convidados.

No quadro seguinte cruzamos a frequência de realização das acções museológicas socializadas com os diferentes modelos de processo museológico:

	Associações	Museus	Casas da Cultura	Centros Culturais	Aldeias Históricas	Exposição	Total	%
Utilização dos recursos locais	10	2	1	0	0	1	14	40
Sensibilização e educação patrimonial	7	1	0	0	0	0	8	22,85
apoio ao ensino/acção educativa	2	1	0	0	0	0	3	8,57
formação profissional	3	0	0	0	0	0	3	8,57
valorização de antigos saberes	5	2	1	0	1	0	9	25,71
reabilitação de	3	1	1	0	0	0	5	14,28

actividades tradicionais								
educação ambiental,	3	0	0	0	0	0	3	8,57
eventos culturais e artísticos	3	0	1	1	2	0	7	20
análise e reflexão sobre o património	4	1	1	1	2	0	9	25,71

**Quadro 20**

**Frequência das acções museológicas socializadas  
por modelo de processo museológico**

Em termos globais e percentuais, há um número maior de processos museológicos a desenvolver as acções de utilização dos recursos locais (40%), de valorização dos antigos saberes (25,71%), de análise e reflexão sobre o património produzindo o conhecimento (também 25,71%) e acções de sensibilização e educação patrimonial (22,85%).

Se analisarmos a relação entre os diferentes modelos de processo museológico e as acções desenvolvidas, constata-se uma relação mais visível entre as associações de defesa do património e a frequência do desenvolvimento das acções museológicas socializadas.

O museu referido em diversas acções neste quadro é o Museu Etnográfico e Cultural do Ninho do Açor (25.M) que tem um carácter eminentemente social e virado para o desenvolvimento da comunidade local. Na acção de valorização dos antigos saberes incluímos também o Museu do Canteiro (31.M) pela sua associação directa a uma actividade e a um saber fazer em desaparecimento.

A Casa da Cultura de Medelim (09.CCU) aparece como a única deste modelo institucional a realizar acções museológicas socializadas.

As acções desenvolvidas nas Aldeias Históricas (01.AH e 02.AH) prendem-se com o Programa de Animação das Aldeias Históricas que a Comissão de Coordenação Regional do Centro tem vindo a promover nos últimos anos.

A única exposição avulsa do Rosmaninhal (19.E) constitui em si própria uma acção de reconhecimento do património cultural local e uma acção de sensibilização em relação à identidade local.

Pela observação *in loco* das actividades das instituições ou organizações que desenvolvem acções museológicas socializadas, constata-se que não estabelecem, na sua maioria, uma ligação entre elas e a actividade museológica. Em termos institucionais, estas acções são enquadradas na vertente social ou na vertente cultural mas desligadas dos objectivos museológicos. Ou seja, não existe uma consciência clara de que estão a ser desenvolvidas acções museológicas quando se procede a estas acções concretas.

Do cruzamento dos dados relativos às acções museológicas desenvolvidas pelos processos museológicos em análise, podemos retirar as seguintes conclusões prévias:

- a área patrimonial predominante nos processos museológicos da Beira Interior Sul é a etnografia;
- a arqueologia e a arte sacra são as duas áreas de interesse que aparecem logo a seguir à etnografia, nos processos de iniciativa institucional;
- o património imaterial, o património natural e a documentação aparecem como segundas áreas patrimoniais predominantes nas iniciativas de origem colectiva;
- o património imaterial é um interesse quase exclusivo das associações;
- existe uma preponderância das acções museológicas técnicas que são realizadas tanto por museus como por associações, significando uma dependência relativamente às colecções, ao objecto;

- as acções museológicas socializadas mais frequentes são a utilização dos recursos locais (40%), a valorização dos antigos saberes (25,71%), a análise e reflexão sobre o património produzindo o conhecimento (também 25,71%) e a sensibilização e educação patrimonial (22,85%);
- as acções museológicas socializadas são quase exclusivo das associações, existindo apenas um museu com forte intervenção na comunidade;
- do cruzamento das áreas patrimoniais predominantes com as acções museológicas efectuadas conclui-se que a noção de património predominante ainda enraíza no conceito tradicional, se bem que estejam a ser desenvolvidas acções museológicas que se enquadram nas correntes mais recentes da museologia;
- não existe a consciência de que as acções museológicas socializadas se relacionam com a actividade museológica.

#### 7.4. Os objectivos

Os OBJECTIVOS do desenvolvimento de um processo museológico correspondem àqueles que as diversas acções, instituições ou realizações se propõem alcançar e que foram publicados ou expressos oralmente pelos responsáveis.

Por uma questão metodológica organizamo-los em duas categorias consoante decorrem da realização de acções museológicas técnicas ou de acções museológicas socializadas, por pensarmos que o resultado de uma e de outras são tão distintos que os objectivos teriam que revelar essa mesma diferença.

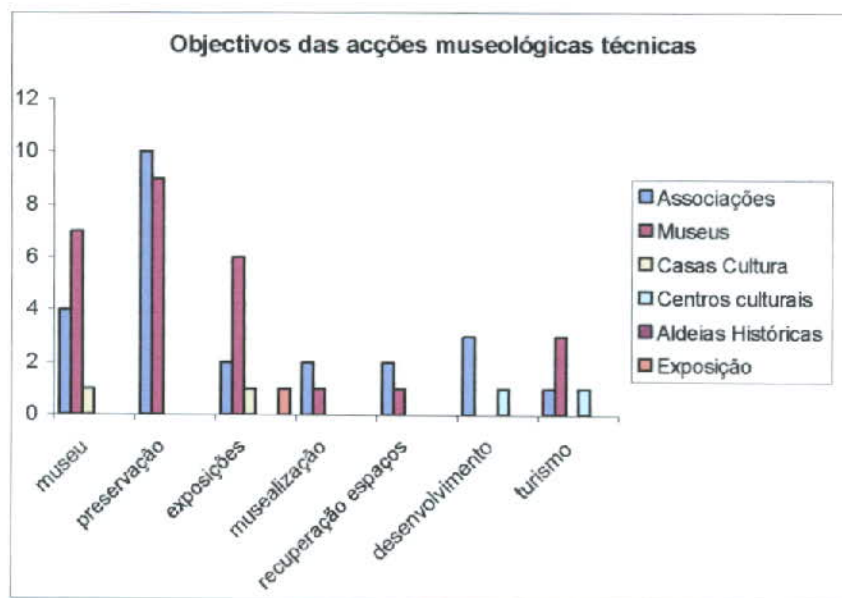
Foram identificados os seguintes objectivos:

- objectivos relacionados com acções museológicas técnicas: criação de um museu, preservação do património cultural, realização de exposições, musealização *in situ*, recuperação de espaços, desenvolvimento económico local, aumento do turismo, preservação da memória, aumento da autoestima, dinamização social e cultural da terra, fixação da população;
- objectivos relacionados com acções museológicas socializadas: definição da identidade local, criação de emprego, ocupação dos tempos livres, dinamização social e cultural da terra, aumento das competências individuais, fixação da população, aumento da autoestima, valorização e divulgação do património, desenvolvimento económico local, aumento do turismo.

A primeira constatação mostra que processos museológicos que realizam acções museológicas de categoria distinta pretendem alcançar os mesmos objectivos. Identificámos como objectivos comuns à realização de acções museológicas técnicas e

acções museológicas socializadas: alcançar o desenvolvimento económico local, aumentar o turismo e a atractibilidade da terra, aumentar a autoestima da população local, dinamizar social e culturalmente a terra e a população e conseguir a fixação da população como meio de travar o processo de desertificação.

Os gráficos seguintes ajudam a perceber a relação entre os objectivos dos processos museológicos resultantes de acções museológicas técnicas e os diversos modelos existentes:



**Gráfico 8**

**Objectivos resultantes das acções museológicas técnicas**

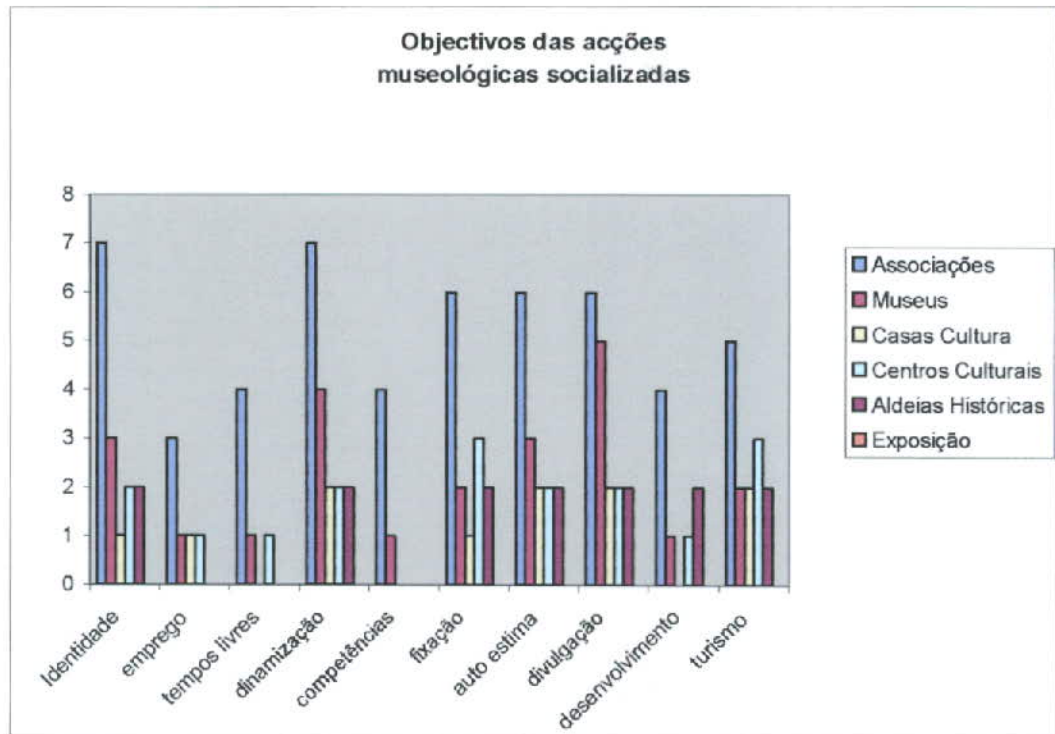
A preservação patrimonial é o objectivo principal das acções de ordem técnica efectuadas pelos museus e pelas associações confirmando a sua inclusão no campo da museologia.

Os museus confirmam a sua tendência para a actividade museológica convencional ao assumirem como objectivos do seu trabalho, além da preservação patrimonial, a realização de exposições, a musealização de sítios e a recuperação de espaços para musealizar.

A criação de um museu é um dos objectivos principais das associações, dos próprios museus e de uma casa da cultura. O objectivo de criar um museu pelos próprios museus torna claro que a abertura ao público dum edifício com uma exposição

é o objectivo primordial destes processos, cujas ambições culminam na sessão de abertura e apresentação ao público. Relaciona-se em alguns casos com a intenção de construção de um novo edifício para albergar o museu.

Uma das curiosidades destes dados está no facto de três associações, um centro cultural, uma casa da cultura e as duas Aldeias Históricas procurarem o desenvolvimento local por intermédio da realização de acções museológicas técnicas.



**Gráfico 9**

**Objectivos resultantes das acções museológicas socializadas**

A leitura deste gráfico dá-nos dados completamente distintos: são as associações que maioritariamente desenvolvem acções museológicas socializadas com objectivos que colocam o indivíduo no centro das suas atenções, num claro contraste com os outros processos museológicos. São também as associações que expressam um número superior e mais diversificado de objectivos a alcançar: são o único processo museológico presente em todos os objectivos apresentados.

As Aldeias Históricas são um caso interessante onde predominam as acções museológicas técnicas sobre o património arquitectónico, natural e arqueológico,

visando objectivos claramente sociais, como o reforço da identidade, o aumento da autoestima da população, o desenvolvimento económico e social num processo que claramente exclui a participação da comunidade e é desenvolvido pelo poder central.

A definição da identidade local, a dinamização da terra, a fixação da população, o aumento da autoestima, a divulgação do património e o aumento do turismo são os objectivos mais procurados pelo desenvolvimento de acções museológicas socializadas.

Numa tentativa de síntese, decidimos cotejar o somatório das acções museológicas técnicas e socializadas executadas pelos museus e pelas associações na sua globalidade, para apreender mais facilmente a predominância de umas sobre as outras:

<b>Processo museológico (quantidade)</b>	<b>Acções técnicas (total)</b>	<b>Acções socializadas (total)</b>
<b>Associações (13)</b>	54	39
<b>Museus (10)</b>	37	9
<b>Total de acções</b>	<b>91</b>	<b>48</b>

**Quadro 21**

**Comparação entre frequência de acções museológicas**

A conclusão é óbvia: existe uma grande predominância de acções museológicas técnicas sobre as socializadas nas intenções expressas pelos diferentes modelos museológicos. Para verificar esta tendência quisemos confrontar estes dados com as actividades efectivamente realizadas mais recentemente.

Da observação pessoal e das informações recolhidas e compiladas a partir da imprensa, resultou uma listagem aleatória de actividades realizadas em 2002 pelos trinta e cinco processos museológicos, às quais foi atribuída uma correspondência com os Indicadores das Acções Museológicas e dos Objectivos. Os resultados são apresentados no quadro seguinte, com a percentagem sobre o total de actividades elencadas:



<b>Actividade realizada</b>	<b>Acções museológicas</b>	<b>%</b>	<b>Objectivos</b>
1. actividades desportivas na Natureza; 2. passeios pedestres e campismo;	Actividades ao ar livre / Educação e sensibilização ambiental	6,66%	Ocupação de tempos livres
1. cursos de introdução à informática e à Internet; 2. cursos de formação de responsáveis de grupos e ranchos folclóricos; 3. alfabetização de adultos; 4. atelier de artes decorativas; 5. sessões de leitura ao vivo; 6. curso de bordados de Castelo Branco; 7. cursos de formação musical 8. cursos de cantaria na escola-oficina	Formação/Ação educativa	26,66%	Aumento das competências individuais/Emprego
1. venda de produtos artesanais; 2. organização de feiras de artesanato e desfiles etnográficos; 3. festival e desfiles de folclore/música tradicional; 4. visitas de estudo;	Divulgação do património local	13,33%	Divulgação do património/Desenvolvimento económico/Aumento do turismo
1. recuperação de arquitectura tradicional; 2. conservação e restauro de espólio de Igrejas;	Conservação patrimonial	6,66%	Preservação/Recuperação de espaços
1. concertos de música; 2. peças de Teatro; 3. apoio às actividades religiosas; 4. intercâmbios de jovens estrangeiros;	Eventos culturais e artísticos	13,33%	Dinamização social e cultural da terra/Aumento do turismo
1. levantamentos bibliográficos, fotográficos e	Análise e reflexão sobre o património / Divulgação	20%	Preservação patrimonial/Divulgação

multimédia; 2.edição de CD-Rom com fotografias e registos sonoros; 3. edição de Jornal local; 4. publicação de livros sobre património e história local; 5. seminários internacionais de arqueologia; 6.conferências	patrimonial		patrimonial
1.recuperação de tradições em desuso como a matança do porco, o Maio Menino, as Janeiras; 2. workshop de construção de brinquedos tradicionais; 3. construção de rodilhas e de bolas de trapo; 4. divulgação de jogos tradicionais e tradicionais infantis.	Recuperação e valorização de antigos saberes	13,33%	Definição da identidade local/Aumento da autoestima
1.inventário de acervo	Inventário	3,33%	Criação de museu
1.inauguração de exposição	Exposição	3,33%	Aumento do turismo
<b>Total: 30 actividades</b>	<b>Total: 9 acções museológicas</b>		<b>Total: 11 objectivos</b>

#### Quadro 22

##### Actividades museológicas por grupos temáticos e objectivos (frequência de ocorrência em 2002)

Estas acções referem-se a actividades concretizadas por diversas associações, (GEGA, ARCA, MENAGEM, AEAT, Rancho Folclórico do Retaxo, Liga dos Amigos das Aranhas, SUMAGRE), por três (3) museus (o Museu Etnográfico e Cultural do Ninho do Açor, o Museu de Arte Sacra da Igreja de Monsanto e o Museu de Arte Sacra de Proença-a-Velha), pelo programa de animação das Aldeias Históricas, pelo Centro Cultural Raiano, pela Casa da Cultura de Medelim e pela Exposição do Rosmaninhal. Dito de outra forma, as actividades foram realizadas por quinze (15) dos trinta e cinco processos museológicos.

Da leitura deste quadro conclui-se que as actividades realizadas se inserem principalmente nas acções museológicas de formação e acção educativa (26,66%), seguidas pelas acções de divulgação patrimonial (20%), dinamização social e cultural da terra (13,33%) e valorização/recuperação dos antigos saberes (13,33%).

Relativamente à formação podemos distinguir duas situações distintas: uma área formativa cujos ensinamentos visam contribuir para a formação profissional e aumentar as capacidades que possibilitem encontrar ou criar um emprego e uma segunda área que alia a formação às actividades lúdicas. Qualquer destas acções é ministrada por especialistas, ou por indivíduos estranhos à freguesia.

As acções de divulgação, análise e reflexão sobre o património local, são trabalho de especialistas convidados, em seminários ou conferências, nas visitas de estudo e através da edição de CD-Rom, livros ou desdobráveis.

A acção de recuperação e valorização dos antigos saberes, que pode também ser considerada uma acção de formação, é frequentemente veiculada utilizando os recursos humanos locais, principalmente idosos.

Os eventos culturais e artísticos resultam quer da iniciativa da comunidade quer da iniciativa autárquica.

As acções de divulgação do património local através de feiras, jogos e desfiles estão normalmente associados às festas municipais ou locais e exigem uma organização prévia e investimentos avultados. Têm como objectivo atrair turistas, promover os produtos locais, dinamizar a produção local e ganhos económicos pela venda dos produtos. Apesar da sua frequente conotação política só conseguem funcionar com o apoio, participação e motivação da população.

As acções de recuperação e valorização dos antigos saberes são a actividade de maior participação popular pois a transmissão dos saberes tradicionais depende das franjas mais idosas da população.

As conclusões mais interessantes deste quadro concernem ao tipo de acção museológica mais frequente nos processos museológicos da Beira Interior Sul. Do grupo de nove (9) acções museológicas desenvolvidas, seis (6) enquadram-se naquilo que denominamos acções museológicas socializadas e apenas três (3) pertencem ao âmbito das acções museológicas técnicas, representando respectivamente 66,66% e 33,33% .

Analisando a correspondência entre as actividades desenvolvidas e os objectivos do desenvolvimento dos processos museológicos, verifica-se que à actividade mais frequente corresponde o objectivo “aumento das competências individuais” e a “procura ou criação de emprego”. Esta constatação é muito interessante pois relaciona-se com os problemas mais prementes da Beira Interior Sul, precisamente a desertificação por dificuldades de emprego e a baixa formação profissional e académica. Relembramos que a Beira Interior Sul regista uma taxa de analfabetismo de 17,4 por mil (sendo a taxa nacional de 9 por mil).

As outras actividades mais frequentes prendem-se com os objectivos “preservação patrimonial”, “divulgação do património”, “desenvolvimento económico da terra”, “dinamização social e económica”, “aumento da autoestima” e “definição das identidades locais”.

A conclusão mais relevante é que existe uma contradição entre os resultados apresentados no quadro 21 que dão uma larga maioria às acções de ordem técnica pretendidas pelos processos museológicos e as actividades efectivamente realizadas, que se inserem maioritariamente nas de carácter socializado. Sendo estas actividades desenvolvidas por um grupo de sete (7) associações, por um (1) museu e uma (1) casa da cultura de forte intervenção local, coincidem com os objectivos das acções museológicas socializadas, focando a sua atenção no sujeito social e não no património material.

O facto de estarmos a lidar apenas com as actividades mais mediáticas e publicitadas impõe alguma reserva relativamente à leitura destes dados que não contrariam o facto de as acções museológicas de ordem técnica predominarem ainda no interior dos processos museológicos.

Do cruzamento dos dados relativos aos objectivos propostos pelos diversos processos museológicos podemos retirar as seguintes conclusões prévias:

- prevalecem os objectivos relacionados com o desenvolvimento de acções museológicas técnicas sobre os objectivos decorrentes de acções museológicas socializadas;

- processos museológicos que realizam acções museológicas de categoria distinta pretendem alcançar os mesmos objectivos;
- o objectivo mais procurado é a preservação patrimonial que está nas preocupações de vinte e cinco (25) dos trinta e cinco processos museológicos;
- o segundo objectivo mais ambicionado é a criação de um museu (17 em 35), a elaboração de exposições (17 em 35) e a dinamização social da terra (17 em 35);
- são objectivos com expressão significativa a divulgação do património (16 em 35), a definição da identidade local (15 em 35), o aumento da autoestima da população (15 em 35) e a fixação da população (14 em 35);
- a dinamização social da terra, a definição da identidade local e o aumento da autoestima da população são os objectivos mais relevantes relacionados com a Identidade enquanto conceito;
- a preservação patrimonial, a criação de um museu, a realização de exposições e a divulgação do património são os objectivos mais relevantes relacionados com o conceito de Património;
- o aumento do turismo, a fixação da população, o desenvolvimento nas vertentes económica e local são os objectivos mais relevantes relacionados com o Desenvolvimento enquanto conceito;
- as principais actividades efectuadas para a concretização dos objectivos propostos são a formação e acção educativa, a divulgação patrimonial, eventos culturais e artísticos diversos, a valorização e a recuperação de antigos saberes, sendo que estes dados se reportam exclusivamente ao

ano 2002 não podendo ser tomados como padrão de toda a actividade realizada pelos diferentes processos museológicos;

- as associações realizam um maior número de actividades que os restantes modelos museológicos;
- as actividades desenvolvidas em 2002 coincidem maioritariamente com os objectivos resultantes de acções museológicas socializadas;
- a divulgação do património local é um dos objectivos mais procurados e uma das acções mais efectuadas.

## **8. A REALIDADE MUSEOLÓGICA DA BEIRA INTERIOR SUL**

1.

Concluída a pesquisa que nos propusemos desenvolver estamos em condições para caracterizar o panorama museológico da Beira Interior Sul e evidenciar as especificidades dos processos museológicos dos concelhos de Penamacor, Idanha-a-Nova, Castelo Branco e Vila Velha de Ródão.

Querendo avançar para além do levantamento efectuado pelo Inquérito aos Museus Portugueses que atribuiu a existência de sete museus a esta zona, dos quais apenas dois em funcionamento, apropriámo-nos do conceito de Processo Museológico para avaliar o modo de constituição do património cultural ao nível local.

O enquadramento teórico da pesquisa fundamentou-se nos recentes paradigmas de museu e de museologia, que em nosso entender melhor abordam o processo que conduz a relação entre o sujeito e o seu universo patrimonial, baseados na noção alargada de património, na aceitação de uma função social dos museus, nos processos museológicos entendidos como agentes de democratização da cultura e do desenvolvimento integral através da participação da população.

Três conceitos serviram de âncora a todo o trabalho de pesquisa sobre o desenvolvimento dos processos museológicos locais: património, identidade e desenvolvimento local.

Relativamente a estes conceitos, consideramos património na acepção mais global, abrangendo o meio ambiente, o saber e os artefactos, cuja identificação ou reconhecimento por um sujeito ou por uma comunidade, através de um processo de construção da memória, transforma em identidade colectiva. Restringimos, assim, os processos de constituição da identidade aos elementos que constituem o facto museal, ou seja aqueles onde acontece a relação entre o sujeito e os bens culturais.

Quanto ao desenvolvimento local, entendido como um método que pretende a evolução do território por meio de um processo de mobilização dos recursos endógenos nas dimensões território, património e população, relaciona-se com os princípios norteadores da Nova Museologia, da museologia social e activa, ao considerar os



museus, e no caso concreto os processos museológicos, como instrumentos privilegiados do desenvolvimento local e o património e a identidade como recursos endógenos dessa dinâmica de desenvolvimento.

Partindo deste enquadramento teórico, constituímos o nosso universo de estudo entre os processos museológicos que desenvolvem unitária ou cumulativamente:

- acções de preservação, estudo e/ou comunicação sobre parcelas do património cultural local;
- perseguem o desenvolvimento local com base no património; procuram o envolvimento da comunidade nas suas acções;
- desenvolvem acções que permitem ao cidadão reconhecer o seu património cultural;
- desenvolvem uma análise e reflexão sobre o património na dinâmica do processo museal através da produção do conhecimento;
- desenvolvem acções de sensibilização em relação à identidade e ao património, de mobilização da comunidade - (educação patrimonial);
- iniciam o processo de transformação do objecto em documento (eixo da musealização) através da atribuição de significados.

Daqui resultou um conjunto de trinta e cinco processos museológicos de origem e intervenção local, que constituem o panorama museológico actual da Beira Interior Sul.

Estudados e acompanhados durante mais de um ano, delineámos uma imagem clara das potencialidades e das fragilidades existentes e possuímos os dados necessários para avançar com uma proposta de caminho para potenciar e evidenciar as capacidades dos diversos processos.

Construído um modelo de análise baseado numa linha de investigação, que parte da escolha duma Problemática, passa pela adopção de Paradigmas, pela definição de Conceitos e termina numa bateria de Indicadores quantificáveis, conseguimos, através do cruzamento destes indicadores com variáveis de caracterização, obter as respostas às questões seleccionadas.

Começando pela **primeira questão**: *Como se iniciam os processos museológicos ao nível local? Quais os factores presentes no arranque do processo?*

Sabemos agora que estes processos de carácter local surgem decorrentes de três tipos de iniciativa:

1. a criação institucional, a predominante e que engloba as criações por iniciativa da administração central, pelas autarquias, juntas de freguesia e Igreja;
2. a iniciativa colectiva de carácter associativo;
3. e uma minoria que nasce da iniciativa individual.

Diferentes iniciativas de criação produzem diferentes modelos de processo museológico, organizados em seis categorias distintas consoante a sua autodefinição, o estatuto, a tutela e a nossa observação. O universo museal da Beira Interior Sul é constituído por associações culturais, museus, casas da cultura, centros culturais, aldeias históricas e exposições avulso, originados por iniciativa institucional, colectiva ou individual.

Observando as datas de criação destes processos museológicos, constata-se que estamos a assistir nos últimos três anos a uma expansão no tocante ao aparecimento de novos processos mas com modelos idênticos aos surgidos em períodos anteriores. De destacar um decréscimo do movimento associativo neste período recente, ultrapassado pelas iniciativas institucionais das autarquias, juntas de freguesia e Igreja.

Pela observação no terreno foi possível identificar os factores que predispõem ao aparecimento dos processos museológicos, constatando-se que estão maioritariamente relacionados com a preexistência de colecções, de verbas ou financiamentos e com o elevado potencial patrimonial do território e não com factores de ordem social. Uma

parte significativa de processos arranca enraizada na preexistência de património capaz de assumir valor significativo para a comunidade ou de se transformar em bem cultural representativo da identidade local.

A **segunda questão**, prende-se com a área patrimonial privilegiada por cada um dos processos desenvolvidos: *Quais as acções museológicas desenvolvidas pelos museus e quais são desenvolvidas pelas associações? Existe uma acção museológica própria dos museus e uma acção própria das associações culturais? Quais as acções museológicas comuns aos museus locais e às associações culturais?*

Estatisticamente e em termos globais, a área patrimonial predominante nos processos museológicos da Beira Interior Sul é a etnografia seguindo-se o património imaterial e a arqueologia.

Existe contudo uma diferença nas áreas patrimoniais seleccionadas pelos processos museológicos consoante estes resultam da iniciativa institucional ou da iniciativa colectiva. Enquanto os primeiros preferem a etnografia, a arqueologia e a arte sacra, os segundos elegem a etnografia, o património imaterial, o património natural e a documentação como áreas patrimoniais predominantes.

Também existem diferenças nas opções patrimoniais dos dois modelos de processo museológico mais representativos - os museus e as associações - verificando-se que os primeiros se dedicam de forma igual à etnografia e à arte sacra, enquanto as segundas se dedicam à etnografia e ao património imaterial, sendo este um interesse quase exclusivo dos modelos associativos.

Estas opções patrimoniais reflectem a noção de património subjacente que alia a convencionalidade a algumas pretensões da nova museologia. Não podemos afirmar que a noção alargada de património esteja integralmente interiorizada, mas alguns processos trabalham já com o património imaterial, o património natural e com o saber como objecto museológico.

Decorrente da noção de património cultural, existe uma preponderância das acções museológicas técnicas significando uma dependência relativamente às colecções. As acções museológicas mais frequentes estatisticamente são a preservação/conservação, a exposição (como acção museológica de comunicação), a recolha patrimonial e a documentação/inventário.

Isto confirma a tendência conservadora ou tradicionalista do entendimento da actividade museológica pelos processos analisados. Verificou-se que estas acções museológicas são entendidas numa forma muito simplista e sem qualquer enquadramento ou fundamentação teórico-conceitual.

Permanece da parte dos processos museológicos uma dificuldade em relacionar as actividades museológicas socializadas com a actividade museológica em si, ou seja, não existe a consciência de que se trata de um fazer museológico e estas acções aparecem enquadradas nas actividades de carácter social da instituição. A valorização dos antigos saberes é a acção museológica socializada mais frequente que se relaciona com a questão da perda e reconstrução de identidades locais.

Podemos afirmar que não existe uma acção museológica própria dos museus e uma outra própria das associações, centros culturais, casas da cultura. Existe sim uma maior incidência das acções museológicas socializadas nas associações culturais relativamente aos outros modelos, apesar da clara predominância das acções de ordem técnica nas intenções expressas por todos os processos museológicos.

Finalmente, a **terceira questão** diz respeito aos objectivos de cada processo e às actividades efectivamente realizadas relacionadas com processos de construção das identidades e com a promoção do desenvolvimento local: *Qual a finalidade para o desenvolvimento dos processos museológicos locais? Constituem processos de formação da identidade local? Constituem verdadeiros factores do desenvolvimento local?*

Quanto aos objectivos do desenvolvimento dos processos museológicos, prevalecem aqueles relacionados com as acções museológicas técnicas sobre os objectivos decorrentes de acções museológicas socializadas consolidando a ideia da convencionalidade do fazer museológico.

Os objectivos apresentados com maior frequência em termos estatísticos, são a preservação patrimonial, a criação de um museu, a elaboração de exposições e a dinamização social da terra.

No que concerne às actividades realizadas pelos diversos processos museológicos durante o ano de 2002, foram efectivadas trinta iniciativas com incidência para as acções que se inserem na formação e acção educativa, na divulgação patrimonial, nos eventos culturais e artísticos diversos, na valorização e recuperação de

antigos saberes, sendo que estes dados se reportam exclusivamente ao ano mencionado pelo que não podem ser tomados como padrão de toda a actividade realizada pelos diferentes processos museológicos em toda a sua existência.

A discrepância entre o observado durante o último ano e os objectivos apresentados pelos diversos processos museológicos como sendo o seu principal rumo de actuação, pode ser explicada pela recente consciencialização do papel social que cada processo museológico pode desempenhar, continuando paralelamente a trabalhar com o património local entendido no termo mais restrito, como património material.

Relativamente à definição das identidades locais e ao papel dos processos museológicos nesta construção, considerámos que a questão se desenvolve em torno dos processos de selecção da cultura patrimonial. Tomámos como elementos definidores da identidade colectiva aqueles directamente relacionados com o facto museal, aqueles onde acontece a relação entre o sujeito e os bens culturais, mais concretamente, as acções de selecção, preservação e apropriação social dos testemunhos da cultura patrimonial representantes de uma dada realidade situada num tempo e num espaço.

Assim, a identidade foi abordada neste trabalho somente em relação às acções de apropriação do património, através da acumulação de indicadores culturais ou testemunhos da cultura patrimonial, que constituem traços de diferenciação relacionados com a pertença a um determinado grupo.

Nesta acepção, os processos museológicos analisados demonstram na sua maioria uma preocupação relativa à conservação da identidade ameaçada, apesar da inexistência de teorização sobre o assunto. A etnografia aparece como a área patrimonial privilegiada, relacionando-se a identidade com a cultura material local, relativa à vida rural.

As formas de construção e consolidação das identidades são elementos contribuintes para o desenvolvimento local social ao permitirem o reforço e a coesão das comunidades envolvidas. Também as formas de apropriação do património local e as iniciativas de recuperação de saberes tradicionais em desaparecimento, bem como as acções de consciencialização das populações e de capacitação das mesmas, contribuem para o desenvolvimento local entendido enquanto metodologia e acção aglutinadora das sinergias locais.

Existem no entanto lacunas na elaboração de todo o processo: um dos factores fundamentais para o desenvolvimento local - a iniciativa comunitária - não nos parece estar presente na maioria dos processos museológicos estudados. Mesmo aqueles que

resultam duma iniciativa colectiva estão dependentes de um “líder” – o elemento mais dinâmico da associação – e não da vontade e participação populares.

## 2.

Somente aderindo às ideias difundidas pelo Movimento Internacional para uma Nova Museologia (MINOM) e à chamada Museologia Social, Activa e para o Desenvolvimento poderíamos ter alargado o universo de estudo a tantos e tão diversos projectos museológicos.

Respondidas as questões, partimos para uma conceptualização do universo museológico da Beira Interior Sul, avançando com uma interpretação teórica através da elencagem de alguns pontos de vista que nos parecem relevantes para a caracterização do universo patrimonial em causa:

- a noção de museologia presente está relacionada com o trabalho restrito dos museus e com as acções de preservação da materialidade dos objectos;
- utiliza-se a palavra “museu” para instituições que cumprem apenas parcialmente as funções básicas da museologia, sendo a pesquisa a acção menos frequente;
- quando uma instituição, realização ou acção ultrapassa a função tradicional do museu e desenvolve acções museológicas socializadas, adopta uma outra denominação que não a de museu;
- permanece uma dificuldade em relacionar as actividades museológicas socializadas com a actividade museológica em si; estas acções aparecem enquadradas nas actividades de carácter social;

- a noção de património começa a ser entendida no sentido global de património integral, mas os processos museológicos que trabalham com a noção alargada de património não relacionam essas áreas do universo patrimonial com a museologia;
- os processos de definição e reconstrução da identidade local fazem-se preferencialmente pela acumulação de indicadores da cultura patrimonial vindos de um passado recente; neste sentido a etnografia é a área patrimonial mais representativa no trabalho dos processos museológicos analisados;
- os referentes patrimoniais preferenciais no tratamento da identidade reportam-se aos referentes físicos, quase exclusivamente ao espaço habitacional e à arquitectura rural e aos referentes históricos relativos aos acontecimentos marcantes do passado, aos costumes e hábitos locais;
- a relação entre património e desenvolvimento local está assimilada à vertente turística; a forma mais comum de utilização do património como recurso de desenvolvimento faz-se a partir de acções de ordem externa, ou seja, viradas para o visitante, o turista;
- a noção de território subjacente aos processos museológicos locais é entendida em sentido restrito como o espaço geográfico da vivência quotidiana da comunidade;
- os processos museológicos da Beira Interior Sul são de fraca conceptualização, os programas museológicos são raros, a definição das acções museológicas é empírica e a museografia incipiente;
- considerada utensílio para o desenvolvimento local, a participação comunitária regista-se apenas em alguns processos; duma forma geral o cidadão continua afastado do processo de preservação do seu património.

## 3.

Constatadas as insuficiências concernentes à intervenção na comunidade e as limitações dos processos de preservação patrimonial, queremos concluir com um conjunto de propostas para potencializar os processos museológicos existentes na Beira Interior Sul.

Entendidos como o conjunto de procedimentos e factores que possibilitam que parcelas do património se transformem em herança cultural, os processos museológicos podem e devem assumir objectivos integrados no desenvolvimento da comunidade onde estão inseridos.

Para alcançar esses objectivos numa região económica e socialmente carenciada, mas rica em potencial patrimonial, sugere-se uma acção reorganizadora do universo museal da Beira Interior Sul. A partir de um conjunto de constatações, sugere-se, uma metodologia de trabalho que alia a participação comunitária, a uma gestão coordenada por um “mediador cultural”<sup>27</sup>.

Constatando que:

- existe dificuldade em motivar a população para a participação em processos museológicos;
- parte dessa desmotivação deriva da falta de capacitação da população para entender e se pronunciar sobre os problemas locais;
- existe dificuldade ao nível local em relacionar a museologia, os museus, os processos museológicos e as acções preservacionistas com o desenvolvimento local;

<sup>27</sup> <sup>27</sup> A figura do “mediador cultural” foi sugerida e aceite nas XV Jornadas sobre a Função Social do Museu, que decorreram de 20 a 24 de Maio de 2003 em Santiago do Cacém.



- equipara-se o desenvolvimento local ao desenvolvimento económico, esquecendo que se trata de uma metodologia que utiliza os recursos endógenos para alcançar o bem estar da população mantendo o equilíbrio com o meio ambiente;
- existe uma confusão generalizada entre “acções culturais” e “acções de desenvolvimento local”, sendo que para existir este último é obrigatória a participação comunitária;
- continua a existir um fosso de nível cultural entre os “leigos” e os “especialistas” que mantém os primeiros afastados dos centros de decisão e de poder;
- a falta de capacitação da população exige que se crie a figura do “mediador cultural” que faça a ligação entre a comunidade e o poder local e autárquico e que seja capaz de mobilizar os meios necessários para capacitar a população a pronunciar-se sobre os assuntos que lhe dizem respeito; o “mediador cultural” deve conciliar os saberes e necessidades locais com os objectivos políticos;
- o desenvolvimento de um processo museológico ao nível local deverá possibilitar a compreensão das questões relevantes para a solução dos problemas da comunidade através do desenvolvimento de acções museológicas adequadas e participadas;
- um processo museológico local deve ser considerado como um processo integrador dos recursos do desenvolvimento local, concretamente a população, o património e o território;
- a decisão de desenvolver um processo preservacionista deve estar centrada na comunidade e não no objecto e vinculada aos processos de educação da população (socialização dos processos museológicos).

Sugerem-se, baseados nas ideias, propostas e práticas de Hugues de Varine sobre a mobilização, a participação, a animação comunitária e na metodologia de Pierre Mayrand visando a capacitação da comunidade, os seguintes princípios norteadores da acção de um processo museológico local:

#### Organização geral:

1. integração dos processos museológicos existentes ao nível concelhio ou ao nível regional interconcelhio, num projecto de desenvolvimento integral (social, cultural, económico, turístico) baseado na utilização e valorização dos recursos endógenos;
2. mobilização e reorganização dos processos museológicos existentes e criação de uma entidade supralocal de supervisão municipal ou interconcelhia que sirva de ligação entre os processos museológicos e os objectivos do projecto de desenvolvimento integral;
3. selecção de um “mediador cultural” para gerir os diversos interesses, mantendo sempre presente que num processo museológico estamos perante os componentes do ternário matricial da museologia: a relação entre o sujeito/comunidade, com o objecto/bem cultural, num espaço/cenário;
4. definição de forma inequívoca, dos objectivos de cada processo, as suas áreas de intervenção patrimoniais, temáticas e territoriais e modelos de funcionamento e gestão eficazes.

#### Organização específica:

1. mobilização da comunidade pela utilização de uma motivação preexistente ou a partir da realização de acções de “provocação” que poderão revestir a forma de exposições;

2. constituição, pelo mediador cultural, de um grupo ou equipa de pesquisa multidisciplinar e com a participação comunitária através da sua inclusão nos vários processos museológicos existentes, para a realização de um inventário sistemático do património integral a valorizar e a explorar como recurso de desenvolvimento;
3. avaliação pelo grupo de estudo com a participação da comunidade, dos problemas existentes para os quais as populações gostariam de encontrar solução;
4. constituição de centros de documentação para a recolha do material documental;
5. criação de “Centros de Saberes”<sup>28</sup> para promover a divulgação, difusão e a formação baseadas nos saberes, tradições e conhecimentos locais (saberes manuais e intelectuais) e promover a criação de novos saberes que permitam desenvolver novas produções e novos serviços, criando riqueza.

Estas propostas fundamentam-se na premissa que só partindo do conhecimento do património existente se poderá avaliar o potencial de desenvolvimento nele contido. Os processos que se encontram em curso na Beira Interior Sul trabalham o património de forma unilateral, parcelar e desgarrados de um plano concreto de desenvolvimento.

Não podemos contudo falar de fracasso quando olhamos para o panorama museológico da Beira Interior Sul, mas sim de um processo inacabado. O esforço para construir os diversos processos museológicos existentes é demasiado grande para que não seja tomado em devida conta e valor. Mas parece-nos que, considerando o desenvolvimento da museologia e as diversas experiências ao nível nacional e mundial que concretizaram com sucesso a interacção entre património e desenvolvimento, falta percorrer um longo caminho, seguramente difícil, mas repleto de sonhos à espera de ser concretizados.

---

<sup>28</sup> O termo é utilizado por Hugues de Varine nas Jornadas Internacionais sobre Património Mineiro que decorreram de 14 a 16 de Maio de 2003 no Fundão.

## BIBLIOGRAFIA

### BIBLIOGRAFIA CONSULTADA

AA.VV. (2000). Documento Único de Programação INTERREG III – 2000-2006. Direcção Geral do Desenvolvimento Regional/Dirección General de Fondos Comunitarios Y Financiación Territorial. Cooperação Transfronteiriça Portugal /Espanha. 2000.

AA.VV. (2000). Inventário aos Museus em Portugal. Lisboa: IPM/OAC.

AA.VV. (1999). Museologia: teoria e prática. Cadernos de sociomuseologia,14. Lisboa: ULHT.

AA.VV.(1998). Guia de iniciativas de desenvolvimento local. Edições Animar.

AA.VV. (1996). Museus e acção cultural. Cadernos de sociomuseologia,5. Lisboa: ULHT.

AA.VV. (1996). ICTOP – 26th Annual conference international committee for the training of personnel. Cadernos de sociomuseologia,6. Lisboa: ULHT.

AA.VV. (1996). Actas do V Encontro nacional Museologia e Autarquias. Cadernos de sociomuseologia,8. Lisboa: ULHT.

AA.VV. (1989). La muséologie selon George Henri Rivière. Bordas: Editions Dunod.

AA.VV. (s.d). Pacto para a Valorização Territorial da Beira Baixa – Património – Natureza – Mundo Rural: Contributo para a definição do plano de acção.

BARDIN, L. (1991). Análise de conteúdo. Lisboa: Edições 70.

BARY, M. A (1994). Vagues: une anthologie de la nouvelle muséologie. Paris : MNES.

BRÁS, J. (coord.) (2000). Novos valores do desenvolvimento local. Messejana: Associação Portuguesa para o desenvolvimento local.

BRITO, C. A (2001). Museologia e Desenvolvimento rural no Nordeste Algarvio. XIII Jornadas sobre a Função Social do Museu. Tavira e Alcoutim.

BRUNO, C. (1997). Museologia e museus : princípios, problemas e métodos. Cadernos de Sociomuseologia, 10. Lisboa : ULHT.

BRUNO, C. (1996). Museologia e comunicação. Cadernos de sociomuseologia, 9. Lisboa: ULHT.

CAMACHO, C. (1999). Renovação museológica e génese dos museus municipais da área metropolitana de Lisboa. Dissertação de mestrado em museologia. Lisboa: Universidade Nova.

CÂNDIDO, M. (1998). Imagens de vida, trabalho e arte. Cadernos de sociomuseologia, 12. Lisboa: ULHT.

CAROLINO, J. (2000). Desenvolvimento e Identidade; a patrimonialização dos campos num projecto de revitalização da Serra Algarvia. Dissertação de mestrado em Antropologia. Lisboa: ISCTE.

CARREIRA, T.(1996). Identidade e pertença: do individual ao colectivo. Anais Universitários, série ciências sociais e humanas, n.º 7. Covilhã: UBI.

CHAGAS, M. e SANTOS, M. (2002). Museu e políticas de memória. Cadernos de sociomuseologia, 19. Lisboa: ULHT.

CHAGAS, M. (1999). Há uma gota de sangue em cada museu: a óptica museológica de Mário de Andrade. Cadernos de sociomuseologia, 13. Lisboa: ULHT.

CHAGAS, M. (1996). Museália. Rio de Janeiro: J. C. Editora.

CHAGAS, M. (1994). Novos rumos da museologia. Cadernos de sociomuseologia, 2. Lisboa: ULHT.

CHAGAS, M. (1990). O objecto de pesquisa no caso dos museus. Comunicação apresentada no Encontro de Pesquisadores em Museus. Rio de Janeiro: Museu de História Nacional.

CHAGAS, M. (s.d.). Museu: coisa velha, coisa antiga. Rio de Janeiro: UNI-RIO.

CHEVALLIER, D. et MOREL, A (1985). Identité culturelle et appartenance régionale. Carnets du Patrimoine ethnologique. Terrain, n.º 5. Paris : Musée de Arts et Traditions Populaires.

CONSTÂNCIA, J.P. (1993). A evolução de conceitos entre as Declarações de Santiago e de Caracas. Cadernos de sociomuseologia, 1. Lisboa: ULHT.

CUSTÓDIO, J. (1981). Associações de defesa do património. ArteOpinião, n.º 14. Lisboa

FENTRESS, J. (1994). Memória social – novas perspectivas sobre o passado. Lisboa: Edições Teorema.

GAMEIRO, J. (1998). Património e museologia: da realidade global à perspectiva local. Dissertação de mestrado. Universidade do Algarve.

HAINARD, J. e KAEHR, R. (1984). Objets prétextes. Objets manipulés. Neuchâtel : Musée d'Ethnographie.

JEUDY, H.P. (1992). Mémoires du social. Paris: Presses Universitaires de France.

JEUDY, H. P. (dir.) (1990). Patrimoines en folie. Collection Ethnologie de la France, cahier 5. Paris : Éditions de la Maison des sciences de l'homme.

JORDÃO, N. (2001). Enquadramento dos principais programas de apoio ao desenvolvimento no âmbito do III QCA. XIII Jornadas sobre a Função Social do Museu. Tavira e Alcoutim.

JORGE, O. M. (1993). A evolução de conceitos entre as Declarações de Santiago e de Caracas. Cadernos de sociomuseologia, 1. Lisboa: ULHT.

Le GOFF, J. (1984). Memória. Enciclopédia Einaudi, vol.1. Lisboa: Imprensa nacional Casa da Moeda.

Le GOFF, J. (1984). Documento/Monumento. Enciclopédia Einaudi, vol.1. Lisboa: Imprensa nacional Casa da Moeda.

LIMA, F.P. (1993). A evolução de conceitos entre as Declarações de Santiago e de Caracas. Cadernos de sociomuseologia, 1. Lisboa: ULHT.

LÉVI-STRAUSS, C. (1974). L'Identité. Séminaire interdisciplinaire. Paris : PUF.

MARTINS, A. (1993). Museologia activa. Contributos para o desenvolvimento. Actas do IV Encontro Nacional Museologia e Autarquias. Tondela.

MATOS, A. (2000). Museus municipais e colecções etnográficas. Revista de museologia: Museos y Museología en Portugal. Una ruta ibérica para el futuro. Asociación Española de Museólogos.

MAURE, M.A. (1984). Identité, écologie, participation. Vagues, une anthologie de la nouvelle muséologie, vol. II. MNES : Savigny – le – Temple. 1992.

MAYRAND, P. (1998). Ecomuseologia como forma de desenvolvimento integrado. X Jornadas sobre a Função Social do Museu. Póvoa do Lanhoso.

- MAYRAND, P. (1997). Percursos assimétricos da actual museologia do Québec. X Jornadas sobre a Função Social do Museu. Póvoa do Lanhoso.
- MAYRAND, P. (1994). L'Expo à l'heure juste du développement local. Texto policopiado.
- MAYRAND, P. (1991). L'Ecomusée à la défense des patrimoines vivants. Texto inédito policopiado.
- MAYRAND, P. (s.d). L'écomusée dans ses rapports avec la nouvelle muséologie. Texto policopiado.
- MENESES, L. (1993). A evolução de conceitos entre as declarações de Santiago e de Caracas. Cadernos de sociomuseologia, 1. Lisboa: ULHT.
- MENESES, U. B. (1994). Do teatro da memória ao laboratório da História: a exposição museológica e o conhecimento histórico. Anais do Museu Paulista: História e Cultura material, nova série, 2. S. Paulo: USP.
- MENESES, U. B. (1993). A problemática da identidade cultural nos museus: de objectivo (de acção) a objecto (de conhecimento). Anais do Museu Paulista, nova série, n.º 1. São Paulo: USP.
- MENESES, U. B. (1992). A História, cativa da Memória? Revista do Instituto de Estudos Brasileiros, n.º 34. S. Paulo
- MENESES, U. B. (1987). Identidade cultural e arqueologia. Série Fundamentos: Cultura Brasileira – Temas e situações. São Paulo: USP.
- MENSCH, P (1994). O Objecto de estudo da museologia. Pretextos Museológicos I. UNI-RIO: Rio de Janeiro.



MENSCH, P. (1992). Towards a methodology of museology. PhD thesis. Universidade de Zagreb. Site: [www.xs4all.nl](http://www.xs4all.nl)

MENSCH, P. (1988). Muséologie et musées. Nouvelles de L' ICOM. Vol. 41- n.º 3. Paris.

MOREIRA, F. J. (2001). Uma reflexão sobre o conceito de público nos museus locais. Monte Redondo.

MOREIRA, F. J. E ANDRÉ, I. M. (2000). O processo de criação de um museu local. 10.º Encontro Nacional de Museologia e Autarquias. Monte Redondo.

MOREIRA, F. J. (1994). Turismo em espaço rural: enquadramento e expressão geográfica no território português. Lisboa: Centro de Estudos Geográficos.

MOREIRA, F. J. (1990). Museologia, estruturas territoriais e desenvolvimento. Almada.

MOREIRA, F. J. (1988). Museologia e desenvolvimento. I Jornadas sobre a Função Social do Museu. Vila Franca de Xira.

MOUTINHO, M. (2000). Autonomia, ritmo e criatividade na museologia contemporânea. Encontros “Linguagens, tecnologias e processos museológicos”. São Paulo: USP.

MOUTINHO, M. (1996). Museologia Informal. Boletim da associação Portuguesa de Museologia, n.º 3. Lisboa: APOM.

MOUTINHO, M. (1993). Sobre o conceito de museologia social. Cadernos de sociomuseologia, 1. Lisboa: ULHT.

MOUTINHO, M. (1994). A construção do objecto museológico. Cadernos de sociomuseologia, 4. Lisboa: ULHT.

MOUTINHO, M. (1989). Museus e sociedade. Cadernos de Património, 5. Museu Etnográfico do Monte Redondo.

MUCCHIELLI, A. (1986). L'identité. Paris: Presses Universitaires de France.

NASCIMENTO, R. (1998). O objecto museal, sua historicidade: implicações na acção documental e na dimensão pedagógica do museu. Cadernos de sociomuseologia, 11. Lisboa: ULHT.

NASCIMENTO, R. (1994). A historicidade do objecto museológico. Cadernos de sociomuseologia, 3. Lisboa: ULHT.

NORA, P. (1990). Memória colectiva. A Nova História. Coimbra: Almedina.

NORA, P. (1984). Les lieux de Mémoire : La Nation II. Paris: Editions Gallimard.

PINTO, O. (1993). Património, mudança e museus. Actas do IV Encontro Nacional Museologia e Autarquias. Tondela.

POMIAN, K. (1984). Coleção. Enciclopédia Einaudi, vol. I. Lisboa: Imprensa nacional Casa da Moeda.

PRIMO, J. (2000). Museus locais e ecomuseologia – estudo do projecto para o ecomuseu da Murtosa. Dissertação apresentada na ULHT para obtenção de grau de Mestre em Museologia. Lisboa.

PRIMO, J. (1999a). Museologia e património: documentos fundamentais. Cadernos de sociomuseologia, vol. 15. Lisboa : ULHT.

PRIMO, J. (1999b). Pensar contemporaneamente a museologia. Cadernos de sociomuseologia, 16. Lisboa: ULHT.

RIBEIRO, A (1993). Novas estruturas / Novos museus. Cadernos de sociomuseologia, 1. Lisboa: ULHT.

RIVIÈRE, G. H. (1992). L'écomusée, un modèle évolutif. Vagues, une anthologie de la nouvelle muséologie, vol.I. MNES : Savigny – le – Temple.

RÚSSIO, W. (1990). Conceito de cultura e sua inter-relação com património cultural e a preservação. Cadernos museológicos, n.º 3. S. Paulo: USP.

SANTOS, C. (2002) Reflexões museológicas: caminhos de vida. Cadernos de sociomuseologia, 18. Lisboa: ULHT.

SANTOS, Célia. (1996). Processo museológico e educação. Construindo um museu didáctico-comunitário. Cadernos de sociomuseologia, 7. Lisboa: ULHT.

SANTOS, Célia. (s.d.). Nova Museologia. São Paulo: USP.

SARAIVA, Madalena. (2002). Museu do Brinquedo em Seia: um absurdo? Estudo de caso realizado no Museu do Brinquedo em Seia. Dissertação de Mestrado em Museologia. Lisboa: ULHT.

SCHEINER, T. (2000). Museu: génese, ideia e desenvolvimento. Curso: Fundamentos da Museologia teórica e aplicada. Lisboa: ULHT.

SCHEINER, T. (2000). Objecto-documento, objecto-argumento, objecto-instrumento. Curso: Fundamentos da Museologia teórica e aplicada. Lisboa: ULHT.

SILVA, A S. PISSARRO, C. LIMA, M. ARNAUT, L. (1988). Atitudes, valores culturais, desenvolvimento. Caderno SEDES. Associação para o desenvolvimento económico e social. Lisboa.

SOLA, T. (1989). Identidade. Reflexões sobre um problema crucial para os museus. Cadernos museológicos, n.º 1. S. Paulo: USP.

SOLA, T. (1982). Contribuição para uma possível definição de museologia. Encontro "Interdisciplinaridade na Museologia". Paris.

THÉVOZ, Michel (1984). Esthétique et/ou anesthésie muséographique. Objets Prétextes, Objets Manipulés. Musée d'Ethnographie: Neuchâtel.

VALLINA, J. I. (2002). Manual para agentes de desarrollo rural. Mundi-Prensa : Madrid.

VARINES, H. (1997). Ecomuseus, museus comunitários, desenvolvimento local. Comunicação apresentada nas X Jornadas sobre a Função Social do Museu. Póvoa do Lanhoso.

VARINES; H. (1992). Rapport de synthèse. XVI Conferência Geral do ICOM, 1992. Canadá.

VARINES, H.(1987). O tempo social. Rio de Janeiro: Livraria Eça Editora.

VARINES, H. (1978). L'écomusée. Vagues, une anthologie de la nouvelle muséologie, vol. I. MNES : Savigny – le - Temple. 1992.

VARINES; H. (1974). Património cultural. A experiência internacional. Aula proferida na USP em 12/08/1974. São Paulo: Brasil.

VARINES, H. (s. d.). Déclaration de Santiago – La muséologie rencontre le monde moderne. Cadernos de museologia, 11. Lisboa : ULHT.

VERHELST, T. (1997). As funções sociais da cultura. LEADER Magazine 8. Retirado em 14 de Agosto de 2002 de [www.rural-europe.pt](http://www.rural-europe.pt).

## BIBLIOGRAFIA CITADA

AA.VV. (2000). Documento Único de Programação INTERREG III – 2000-2006. Direcção Geral do Desenvolvimento Regional/Dirección General de Fondos Comunitarios Y Financiación Territorial. Cooperação Transfronteiriça Portugal /Espanha. 2000.

AA.VV (2000). Inquérito aos Museus em Portugal. Lisboa: IPM/OAC.

AA.VV. (s. d.). Pacto para a Valorização Territorial da Beira Baixa – Património – Natureza – Mundo Rural: Contributo para a definição do plano de acção.

BRUNO, C. (1997). Museologia e museus : princípios, problemas e métodos. Cadernos de Sociomuseologia, 10. Lisboa : ULHT.

BRUNO, C. (1996). Museologia e comunicação. Cadernos de sociomuseologia, 9. Lisboa: ULHT.

CAROLINO, J. (2000). Desenvolvimento e Identidade; a patrimonialização dos campos num projecto de revitalização da Serra Algarvia. Dissertação de mestrado em Antropologia. Lisboa: ISCTE.

CARREIRA, T.(1996). Identidade e pertença: do individual ao colectivo. Anais Universitários, série ciências sociais e humanas, n.º 7. Covilhã: UBI.

CHAGAS, M. (1994). Novos rumos da museologia. Cadernos de sociomuseologia, 2. Lisboa : ULHT.

FERREIRA, J. M. (1993) - Portugal em transe (1974-1985). História de Portugal (dir. de José Mattoso). 8.º Volume. Lisboa: Círculo de Leitores.

JEUDY, H.P. (1992). Mémoires du social. Paris: Presses Universitaires de France.

MATOS, A. (2000). Museus municipais e colecções etnográficas. Revista de museologia: Museos y Museología en Portugal. Una ruta ibérica para el futuro. Asociación Española de Museólogos.

MAURE, M.A. (1984). Identité, écologie, participation. Vagues, une anthologie de la nouvelle muséologie, vol. II. MNES : Savigny – le –Temple. 1992.

MAYRAND, P. (1994). L'Expo à l'heure juste du développement local. Texto policopiado.

MAYRAND, P. (1991). L'Ecomusée à la défense des patrimoines vivants. Texto inédito policopiado

MAYRAND, P. (s.d.). L'écomusée dans ses rapports avec la nouvelle muséologie. Texto policopiado.

MENSCH, P (1994). O Objecto de estudo da museologia. Pretextos Museológicos I . UNI-RIO: Rio de Janeiro.

MENSCH, P. (1988). Muséologie et musées. Nouvelles de L' ICOM. Vol. 41- n.º 3. Paris.

MOREIRA, F. J. E ANDRÉ, I. M. (2000). O processo de criação de um museu local. 10.º Encontro Nacional de Museologia e Autarquias. Monte Redondo.

MOUTINHO, M. (2000). Autonomia, ritmo e criatividade na museologia contemporânea. Encontros "Linguagens, tecnologias e processos museológicos". São Paulo: USP.

MOUTINHO, M. (1989). Museus e sociedade. Cadernos de Património, 5. Museu Etnográfico do Monte Redondo.

MUCCHIELLI, A. (1986). L'identité. Paris: Presses Universitaires de France.

NASCIMENTO, R. (1994). A historicidade do objecto museológico. Cadernos de sociomuseologia, 3. Lisboa: ULHT.

NORA, P. (1990). Memória colectiva. In : A Nova História. Coimbra: Almedina.

NORA, P. (1984). Les lieux de Mémoire : La Nation II : XXVII. Paris: Editions Gallimard.

PRIMO, J. (2000). Museus locais e ecomuseologia – estudo do projecto para o ecomuseu da Murtosa. Dissertação apresentada na ULHT para obtenção de grau de Mestre em Museologia. Lisboa.

PRIMO, J. (1999a). Museologia e património: documentos fundamentais. Cadernos de sociomuseologia, vol. 15. Lisboa : ULHT.

PRIMO, J. (1999b). Pensar contemporaneamente a museologia. Cadernos de sociomuseologia, 16. Lisboa: ULHT.

RIVIÈRE, G. H. (1992). L'émusée, un modèle évolutif. Vagues, une anthologie de la nouvelle muséologie, vol.I. MNES : Savigny – le – Temple.

RÚSSIO, W. (1990). Conceito de cultura e sua inter-relação com património cultural e a preservação. Cadernos museológicos, n.º 3. USP.

SANTOS, Célia (1996). Processo museológico e educação. Construindo um museu didáctico-comunitário. Cadernos de sociomuseologia, 7. Lisboa: ULHT.

SANTOS, Célia.(s. d.). Nova Museologia. São Paulo: USP.

SOLA, T. (1982). Contribuição para uma possível definição de museologia. Encontro “Interdisciplinaridade na Museologia”. Paris.

THÉVOZ, Michel (1984). Esthétique et/ou anesthésie muséographique. Objets Prétextes, Objets Manipulés. Neuchâtel.

VALLINA, J. I. (2002). Manual para agentes de desarrollo rural. Mundi-Prensa : Madrid.

VARINES, H. (1997). Ecomuseus, museus comunitários, desenvolvimento local. Comunicação apresentada nas X Jornadas sobre a Função Social do Museu. Póvoa do Lanhoso.

VARINES, H. (1992). Rapport de synthèse. XVI Conferência Geral do ICOM, 1992. Canadá.

VARINES, H.(1987). O tempo social. Rio de Janeiro: Livraria Eça Editora.

VARINES, H. (1978). L'écomusée. Vagues, une anthologie de la nouvelle muséologie, vol. I. MNES : Savigny – le - Temple. 1992.

VARINES, H. (1974). Património cultural. A experiência internacional. Aula proferida na USP em 12/08/1974. São Paulo: Brasil.

VARINES, H. (s. d.). Déclaration de Santiago – La muséologie rencontre le monde moderne. Cadernos de museologia, 11. Lisboa : ULHT.

VERHELST, T. (1997). As funções sociais da cultura. LEADER Magazine 8. Retirado em 14 de Agosto de 2002 de [www.rural-europe.pt](http://www.rural-europe.pt).



## ÍNDICE REMISSIVO TEMÁTICO

Acção/Acções museológicas: 3, 4, 20, 26, 30, 71, 81, 99, 100, 107, 108, 109, 110, 111, 112, 114, 115, 116, 117, 118, 132, 133

### Desenvolvimento:

Integral: 17, 36, 139

Local: 7, 10, 22, 35, 37, 38, 39, 41, 58, 72, 73, 75, 77, 78, 79, 82, 97, 112, 120, 129, 130, 133, 134, 136, 138, 139, 140

Facto Museal: 25, 34, 82

### Identidade:

Colectiva: 6, 32, 34, 76, 78, 82, 129, 134

Cultural: 26, 30, 34, 36, 38, 76, 82, 106

Local: 34, 39, 102, 106, 121, 132, 134, 136

### Museologia:

Activa: 5, 26, 28, 78, 130, 135

Para o desenvolvimento: 28, 78, 135

Nova (museologia): 2, 10, 15, 20, 26, 27, 28, 31, 129, 135

Social: 28, 38, 130, 135

### Museu:

Local: 6, 20, 21, 39, 41, 54, 58

### Património:

Colectivo: 16, 77, 108

Cultural: 4, 6, 22, 30, 31, 32, 35, 39, 47, 58, 75, 76, 129, 133

Global: 6, 17, 30, 74

Imaterial: 104, 105, 106, 116, 133

Natural: 39, 46, 47, 105, 106, 116, 120, 133

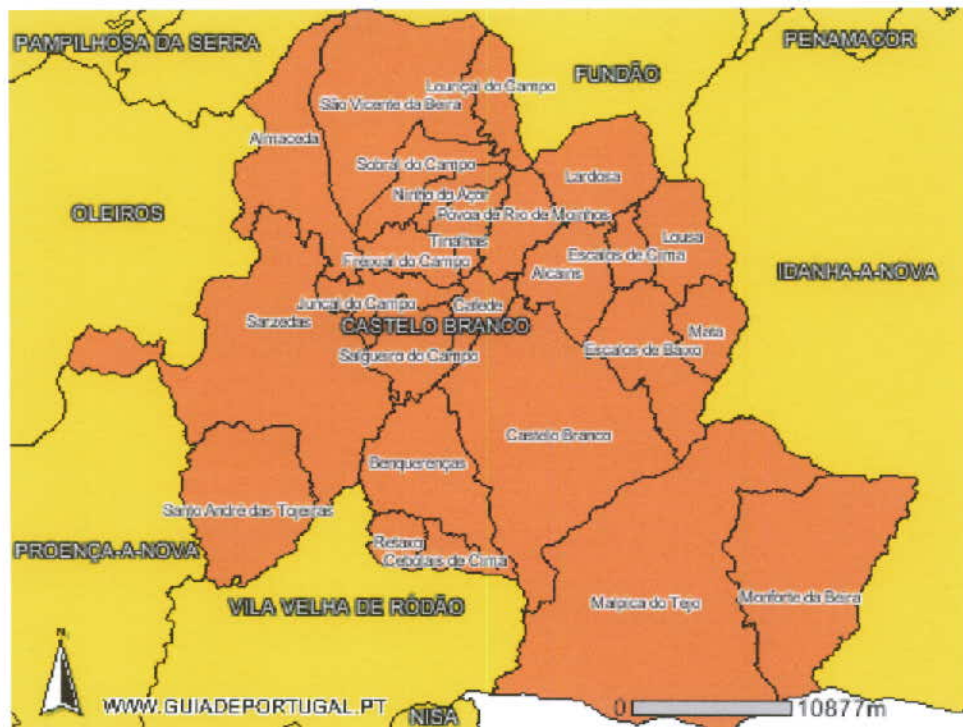
Processos museológicos: 2, 3, 7, 10, 11, 18, 21, 30, 31, 32, 34, 37, 38, 39, 41, 44, 45, 46, 47, 52, 54, 57, 58, 59, 60, 71, 74, 77, 79, 80, 82, 88, 89, 90, 91, 92, 93, 94, 95, 96, 97, 98, 99, 100, 101, 102, 103, 104, 106, 107, 108, 109, 110, 111, 112, 113, 114, 116, 118, 119, 120, 124, 125, 126, 127, 1129, 130, 131, 133, 136, 137, 138, 139, 140

Território: 17, 33, 35, 36, 73, 74, 75, 78, 136

## **ANEXOS**

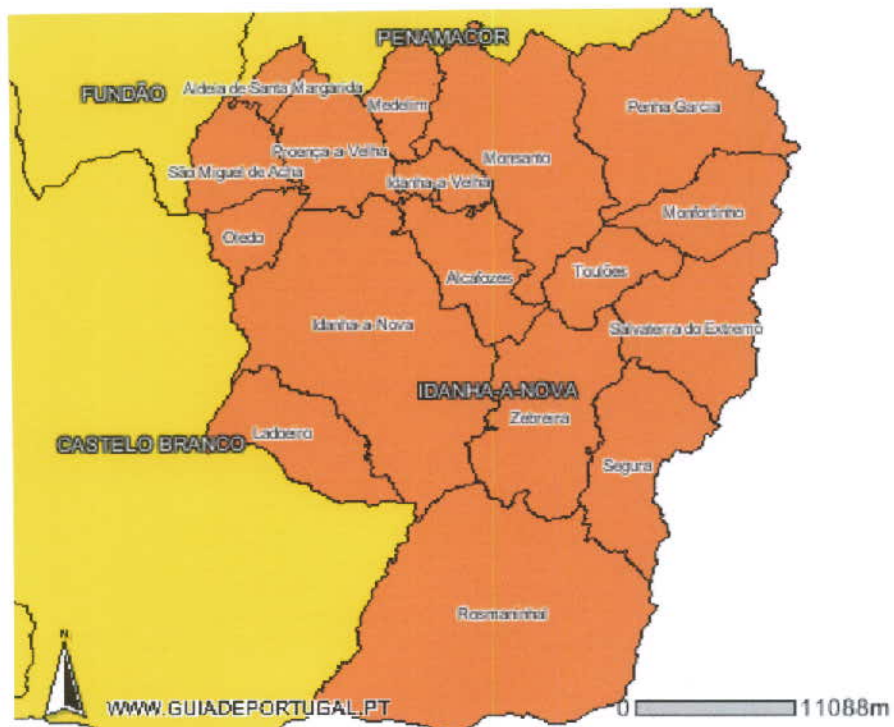
- 1. Mapas dos concelhos com indicação das freguesias**
- 2. Quadros de leitura geral**
- 3. Guião da entrevista semi-dirigida e da observação *in loco***
- 4. Ficheiro descritivo**

## MAPAS

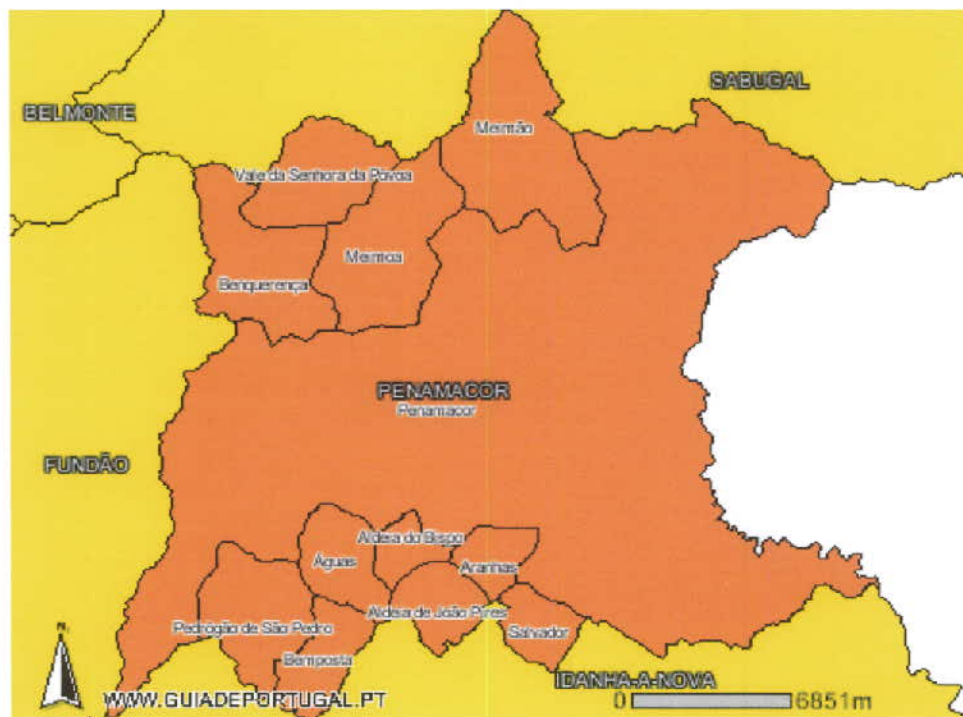
MAPA 1: CONCELHO DE CASTELO BRANCO E FREGUESIAS<sup>1</sup>

<sup>1</sup> Os mapas apresentados foram retirados do site [www.guiadeportugal.pt](http://www.guiadeportugal.pt)

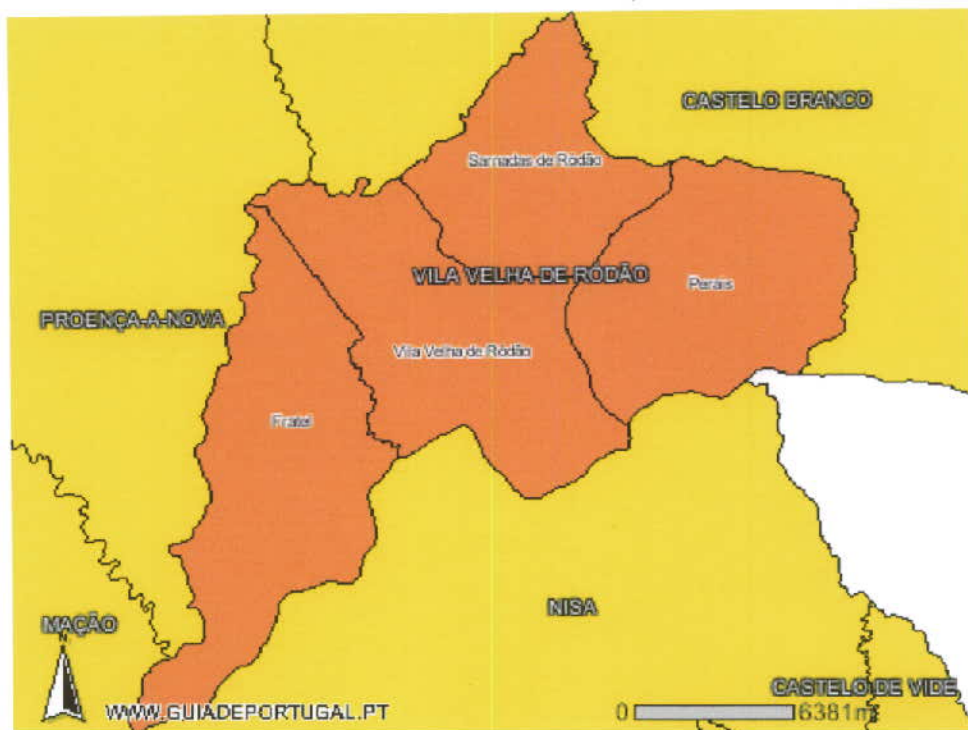
**MAPA 2: CONCELHO DE IDANHA-A-NOVA E FREGUESIAS**



**MAPA 3: CONCELHO DE PENAMACOR E FREGUESIAS**



### MAPA 4: CONCELHO DE VILA VELHA DE RÓDÃO E FREGUESIAS



**Quadro de leitura 1**  
**Iniciativa**

Tipo Instituição	Identificação	Criação institucional	Iniciativa colectiva	Iniciativa individual
03A	ADRACES			
07A	ARCA			
20A	GEGA			
23A	Menagem			
04A	Penha Garcia			
06A	AEAT			
05A	AC Retaxo			
22A	Aranhas			
21A	GAFOZ			
18A	VV Ródão			
34A	PROENÇAL			
35A	SUMAGRE			
13A	Soalhetras			
31M	Canteiro			
29M	S Vicente B			
28M	Proença V			
26M	A J Pires			
33M	Penamacor			
32M	Meimoa			
25M	Ninho Açor			
30M	Domingos Pío			
24M	Académico			
27M	Monsanto			
14CC	Alcafozes			
16CC	Ladocero			
15CC	Zebreira			
17CC	CCR			
09CCU	Medelim			
12CCU	Sobral Campo			
10CCU	Oledo			
11CCU	S. Miguel			

08CCU	Alcafozes			
19E	Exposição			
01AH	IDV			
02AH	Monsanto			
<b>TOTAL</b>	<b>35</b>	<b>18</b>	<b>16</b>	<b>1</b>

O Quadro de Leitura 1 refere-se à “iniciativa de arranque do processo museológico” e constitui uma das variáveis de caracterização com a qual serão cruzadas todas as outras informações recolhidas.

Os processos museológicos estão apresentados pela ordem sequencial com que foram contactados e agrupados por forma a facilitar a leitura, pelas tipologias de processo museológico identificadas: associações, museus, centros culturais, casas da cultura, exposição avulsa e aldeias históricas.

O número de identificação de cada processo, corresponde à organização por ordem alfabética em que podem ser consultados nas páginas XIX e LXXXIII deste ANEXO, onde consta uma descrição pormenorizada de cada um.

Os indicadores da variável de caracterização “iniciativa de arranque do processo museológico” são três: a criação por via institucional, a criação por iniciativa individual e a criação por iniciativa individual.



**Quadro de leitura 2**  
**Factores presentes no arranque**

Tipo Instituição	Identificação	Colecção preexistente	Recolha	Compra	Pesquisa local	Problema local	Instalações preexistentes	Bens arqueológicos	Património natural	Património arquitectónico	Verbas/financiamentos	Motivos políticos
03A	ADRACES											
07A	ARCA											
20A	GEGA											
23A	Menagem											
04A	Penha Garcia											
06A	AEAT											
05A	AC Retaxo											
22A	Aranhas											
21A	GAFOZ											
18A	VV Ródão											
34A	PROENCAL											
35A	SUMAGRE											
13A	Soalheiras											
31M	Canteiro											
29M	S Vicente B											
28M	Proença V											
26M	A J Pires											
33M	Penamacor											
32M	Meirnoa											
25M	Ninho Apor											
30M	Doming. Pio											
24M	Académico											
27M	Monsanto											
14CC	Alcafozes											
16CC	Ladoeiro											
15CC	Zebreira											
17CC	CCR											
09CCU	Medelim											
12CCU	Sobral Camp.											
10CCU	Oledo											
11CCU	S. Miguel											



**Quadro de leitura 3**  
**Área patrimonial predominante**

Tipo Instituição	Identificação	Etnografia	Arte sacra	Arqueologia	Artes plásticas	Património arquitectónico	Património Imaterial	Património natural	Documentação
03A	ADRACES								
07A	ARCA								
20A	GEGA								
23A	Menagem								
04A	Penha Garcia								
06A	AEAT								
05A	AC Retaxo								
22A	Aranhas								
21A	GAFOZ								
18A	VV Ródão								
34A	PROENÇAL								
35A	SUMAGRE								
13A	Soalheiras								
31M	Canteiro								
29M	S Vicente B								
28M	Proença V								
26M	A J Pires								
33M	Penamacor								
32M	Meirino								
25M	Ninho Açor								
30M	Doming Pío								
24M	Académico								
27M	Monsanto								
14CC	Alcafozes								
16CC	Ladoeiro								
15CC	Zebreira								
17CC	CCR								
09CCU	Medelim								
12CCU	Sobral Campo								
10CCU	Oledo								



### Quadro de leitura 4 Ações museológicas técnicas

Tipo Instituição	Identificação	Pesquisa	Recolha	Preservação/Conservação	Documentação/Inventário	Exposição	Publicação/Divulgação
03A	ADRACES						
07A	ARCA						
20A	GEGA						
23A	Menagem						
04A	Penha Garcia						
06A	AEAT						
05A	AC Relaxo						
22A	Aranhas						
21A	GAFOZ						
18A	VV Ródão						
34A	PROENÇAL						
35A	SUMAGRE						
13A	Soalheiras						
31M	Canteiro						
29M	S Vicente B						
28M	Proença V						
26M	A J Pires						
33M	Penamacor						
32M	Meirao						
25M	Ninho Açor						
30M	Doming Pío						
24M	Académico						
27M	Monsanto						
14CC	Alcafozes						
16CC	Ladoeiro						
15CC	Zebreira						
17CC	CCR						
09CCU	Medelim						
12CCU	Sobral Campo						
10CCU	Oleto						



**Quadro de leitura 5**  
**Acções museológicas socializadas**

Tipo Instituição	Identificação	Utilização recursos locais	Sensibilização /Educação patrimonial	Apoio ao ensino/acção educativa	Formação profissional	Valorização antigos saberes	Eventos culturais diversos	Reabilitação de actividades tradicionais	Educação ambiental	Produção de conhecimento
03A	ADRACES									
07A	ARCA									
20A	GEGA									
23A	Menagem									
04A	Penha Garcia									
06A	AEAT									
05A	AC Retaxo									
22A	Aranhas									
21A	GAFOZ									
18A	VV Ródão									
34A	PROENÇAL									
35A	SUMAGRE									
13A	Soalheiras									
31M	Canteiro									
29M	S Vicente B									
28M	Proença V									
26M	A J Pires									
33M	Penamacor									
32M	Meimoa									
25M	Ninho Açor									
30M	Doming Pío									
24M	Académico									
27M	Monsanto									
14CC	Alcafozes									
16CC	Ladoeiro									
15CC	Zebreira									
17CC	CCR									





**Quadro de leitura 6**  
**Objectivos das acções museológicas técnicas**

Tipo Instituição	Identificação	Criação de museu	Exposições	Preservação Patrimonial	Aumento do Turismo	Musealização in situ	Recuperação de espaços	Desenvolvimento económico local
03A	ADRACES							
07A	ARCA							
20A	GEGA							
23A	Menagem							
04A	Penha Garcia							
06A	AEAT							
05A	AC Retaxo							
22A	Aranhas							
21A	GAFOZ							
18A	VV Ródão							
34A	PROENÇAL							
35A	SUMAGRE							
13A	Soalheiras							
31M	Canteiro							
29M	S Vicente B							
28M	Proença V							
26M	A J Pires							
33M	Penamacor							
32M	Meimoa							
25M	Ninho Açor							
30M	Doming. Pio							
24M	Académico							
27M	Monsanto							
14CC	Alcafozes							
16CC	Ladoeiro							
15CC	Zebreira							
17CC	CCR							
09CCU	Medelim							
12CCU	Sobral Campo							
10CCU	Oledo							
11CCU	S. Miguel							

08CCU	Alcafozes												
19E	Exposição												
AH 1	IDV												
AH 2	Monsanto												
<b>TOTAL</b>	<b>35</b>	<b>17</b>	<b>17</b>	<b>25</b>	<b>6</b>	<b>6</b>	<b>6</b>	<b>6</b>	<b>6</b>	<b>6</b>	<b>6</b>	<b>9</b>	<b>9</b>

Os “objectivos das acções museológicas técnicas” são indicadores do conceito “Desenvolvimento local” e com eles pretende-se avaliar a capacidade de alcançar o desenvolvimento a partir da realização de tais acções.

Estes objectivos correspondem quer a acções realizadas concretamente ou a intenções expressas de as realizar, apresentadas pelos seus responsáveis, ou ainda aquelas que foram verificadas através da observação das actividades efectuadas.

**Quadro de leitura 7**  
**Objectivos das acções museológicas socializadas**

Tipo Instituição	Identificação	Definição da identidade local	Criação de emprego	Ocupação dos tempos livres	Dinamização social da terra	Aumento do turismo	Aumento das competências individuais	Fixação da população	Divulgação do património	Aumento da auto-estima Local	Desenvolvimento Local
03A	ADRACES										
08A	ARCA										
20A	GECA										
23A	Memagem										
04A	Penha Garcia										
06A	AEAT										
05A	AC Retaxo										
22A	Aranhas										
21A	GAFOZ										
18A	VV Rodão										
34A	PROENÇAL										
35A	SUMAGRE										
13A	Sealheiras										
31M	Canteiro										
29M	S Vicente B										
28M	Proença V										
26M	A J Pires										
33M	Penamacor										
32M	Meimoa										
25M	Ninho Açor										
30M	Doming Pío										
24M	Académico										
27M	Monsanto										
14CC	Alcafozes										
16CC	Ladoeiro										
15CC	Zebreira										
17CC	CCR										
09CCU	Medelin.										
12CCU	Sobral Campo										

10CCU	Oledo																
11CCU	S. Miguel																
08CCU	Alcafozes																
19E	Exposição																
AH 1	IDV																
AH 2	Monsanto																
<b>TOTAL</b>	<b>35</b>	<b>15</b>	<b>6</b>	<b>6</b>	<b>6</b>	<b>17</b>	<b>14</b>	<b>5</b>	<b>14</b>	<b>14</b>	<b>16</b>	<b>15</b>	<b>8</b>				

Os “objectivos das acções museológicas socializadas” são indicadores do conceito “Desenvolvimento local” e com eles pretende-se avaliar a capacidade de alcançar o desenvolvimento a partir da realização de tais acções.

Os dados correspondem quer a acções realizadas concretamente ou a intenções expressas de as realizar, apresentadas pelos seus responsáveis, ou ainda aquelas que foram verificadas através da observação das actividades efectuadas.

**GUIÃO DA ENTREVISTA SEMIDIRIGIDA  
E DA OBSERVAÇÃO *IN LOCO***

**PROCESSOS MUSEOLÓGICOS LOCAIS BA BEIRA BAIXA SUL**

**Ficha n.º**

**Freguesia:**

**Concelho:**

**IDENTIFICAÇÃO DA INSTITUIÇÃO/ACÇÃO/ORGANIZAÇÃO**

**1. IDENTIFICAÇÃO**

- a. Designação
- b. Responsável a contactar
- c. Telefone:                      Telemóvel:                      Fax:                      Email:
- d. Ano da criação
- e. Funcionamento permanente/intermitente/em execução/temporário
- f. Outras informações

**2. DADOS TÉCNICOS**

- a. **Estatuto jurídico:**
  - i. Privado
  - ii. Público: administração central/ autarquia/junta freguesia
  
- b. **Tutela das instituições públicas:**
  - i. Ministério
  - ii. Autarquia
  - iii. Igreja
  - iv. Misericórdia